

APERFEIÇOAMENTO

Quarta reunião mensal de 1943

"O aperfeiçoamento físico do servidor do Estado"

Procurando dar cumprimento a seu programa de aperfeiçoamento físico, moral e intelectual dos servidores do Estado, a D.A. incluiu o problema da educação física entre os objetos de suas próximas atividades e o escolheu para tema da quarta sessão mensal de estudos do corrente ano, realizada em 28 de abril p.p. O senhor major João Barbosa Leite, diretor da Divisão de Educação Física, do Departamento Nacional de Educação, pronunciando a conferência-tema daquela reunião, que intitulou "O aperfeiçoamento físico do servidor do Estado", declarou:

"Constitue, por si só, um vasto e substancioso programa de assistência social, digno do melhor acolhimento e da mais interessada colaboração, êsse pequeno Capítulo XIII (Título II) do decreto-lei n. 1.713, de 28 de outubro de 1939, geralmente conhecido pela denominação própria de Estatuto dos Funcionários Públicos Cívís da União, que peço vênia para relembrar aquí aos seus familiares e apresentar àqueles que ainda não lhe dispensaram um pouco de atenção.

A matéria que êle encerra diz respeito à "assistência ao funcionário" e está assim distribuída:

"Art. 219. O Governo Nacional promoverá o bem estar e o aperfeiçoamento físico, intelectual e moral dos funcionários e de suas famílias.

Parágrafo único. Com essa finalidade serão organizados:

I — Um plano de assistência, que compreenderá a previdência, seguro, assistência médico-dentária e hospitalar, sanatórios, colônias de férias e cooperativismo;

II — Um programa de higiene, confôrto e preservação de acidentes nos locais de trabalho;

III — Cursos de aperfeiçoamento e especialização profissional;

IV — Cursos de extensão, conferências, congressos, publicações e trabalhos referentes ao serviço público;

V — Centros de educação física e cultural para recreio e aperfeiçoamento moral e intelectual dos funcionários e de suas famílias, fora das horas do trabalho;

VI — Viagens de estudos ao estrangeiro e visitas a serviços particulares de utilidade pública, para especialização e aperfeiçoamento.

Art. 220. Os funcionários poderão fundar associações para fins beneficentes, recreativos e de economia ou cooperativismo.

Parágrafo único. E' proibida, no entanto, a fundação de sindicatos de funcionários".

Convidado a trazer minha contribuição pessoal ao estudo de questões de administração pública, que constituem objeto destas reuniões instituídas pelo Departamento Administrativo do Serviço Público, fui levado naturalmente a escolher para tema desta palestra assunto ligado às atividades de minha repartição e que se pudesse enquadrar no programa de assistência ao funcionário, aí delineado.

Preferi tomar vossa atenção com "o Aperfeiçoamento Físico do Funcionário Público", teve sugestiva embora ainda muito pouco explorada, para cujo estudo vamos contar com a experiência de alguns anos de trabalhos correlatos, apoiados essencialmente nos princípios fundamentais da fisiologia aplicada aos exercícios físicos, por falta de bibliografia especializada nesse assunto, que há tão pouco tempo foi incorporado à legislação brasileira e só agora, com a recente criação e início dos trabalhos da Divisão de Aperfeiçoamento do D.A.S.P., começa a merecer atenção dos chefes, sem ter despertado ainda o interesse daqueles que devem ser seus principais beneficiários — a grande massa dos servidores do Estado, — talvez por desconhecerem as razões, de ordem social umas, de ordem econômica outras, que aconselharam êsses cuidados do Governo Nacional e que eu me permito passar em ligeira revista, antes de abordar o estudo da solução prática do problema.

O homem recebe espontaneamente da Natureza uma série de aptidões que, exercitadas normalmente, lhe dão capacidade para conquistar, por seus próprios meios, todos os elementos de que carece sua subsistência, capacidade essa que tende a regredir nos indivíduos que se entregam completamente à ociosidade.

Estudando as condições de vida atuais sob êsse ponto de vista, ALEXIS CARREL, à pág. 264 de "L'homme, cet inconnu", um dos maiores sucessos de livreria dos últimos tempos, assim se pronuncia:

"Os músculos consomem, como se sabe, açúcar e oxigênio, produzem calor, libertam acido láctico no sangue circulante. Para se adaptar a essas modificações, o organismo tem de pôr em ação o aparelho respiratório, o coração, o fígado, o pâncreas, os rins, as glândulas sudoríparas, os sistemas cérebro-spinal e do grande simpático. Em suma, não é provável que os exercícios intermitentes a que nos entregamos sejam equivalentes à ação muscular contínua que a existência dos nossos antepassados comportava. Hoje o esforço físico está reservado para

certos momentos e certos dias. O estado ordinário dos sistemas orgânico, das glândulas sudoríparas e endócrinas: o repouso.”

E mais adiante, à pág. 369, encerra sua apreciação assim:

“A lei do esforço, sobretudo, tem de ser respeitada. A degenerescência do corpo e da alma é o preço que devem pagar os que esquecem esta necessidade”.

RUI BARBOSA, apregoando com alta sabedoria as vantagens da educação física, cita êste trecho da “School Economy”, de Wickersham, dentro daquela mesma ordem de idéias:

“O que a extensão dos cabelos era para Sansão, é o exercício para o comum dos homens... A experiência tem mostrado que um grupo de alunos que se emparedam no gabinete e não exercem os membros, fazem, em uma série dada de anos, menos progresso do que aqueles que, em horas apropriadas, aliviam de estudo a inteligência e restauram as forças do espírito, exercitando as do corpo... O exercício físico renova a energia intelectual”.

Sentencia W. BERARDINELLI, com muita propriedade:

“O homem construiu a máquina e humilhou-se, nela introduzindo-se como a mais frágil de suas engrenagens”.

Realmente, o aparecimento da máquina e suas frequentes melhorias, ao mesmo tempo que marcam novos avanços e prometem outros tantos benefícios à civilização em marcha, vão subtraindo ao homem grande parte de sua força física, de sua resistência e de sua capacidade natural de lutar pela vida.

Assim se verifica com a mecanização dos transportes, reduzindo o fator tempo e rebatendo para um plano secundário o problema das distâncias, mas dispensando o ser humano de empregar seus músculos e membros no exercício mais rudimentar da vida de relação — a locomoção. Assim, também, a intromissão do motor nas indústrias de todo o gênero vem limitando ao mínimo o emprêgo do braço e a cada surto renovador da aplicação mecânica corresponde sempre uma alteração profunda, não somente no ritmo fisiológico da vida como, ainda, na estabilidade das massas sociais.

A facilidade da produção em séries homogêneas, pela mecanização do trabalho, reduziu seu emprêgo a um número de indivíduos relativamente pequeno, e, destes mesmos, pede somente uma aplicação muito restrita de faculdades físicas, quase sempre já desfalcadas pelo ambiente viciado em que são obrigados a viver 1/3 de sua existência (8 horas de trabalho diário).

Nas cidades, o trabalho em lojas, em escritório, em fábricas de pequenas indústrias, instalados em dependências mal arejadas e mal iluminadas, reduz-lhes a capacidade respiratória tornando-os mais vulneráveis ao ataque de enfermidades; os automóveis, bondes, ônibus e elevadores,

são outros tantos fatores de desequilíbrio orgânico a que o habitante dos grandes centros não se pode furtar.

E o próprio camponês ou agricultor, que há 30 anos atrás era obrigado a grandes caminhadas a pé, guiando os bois que tiravam suas carretas ou acompanhando os cargueiros, num transporte prolongado que lhe exigia constantes esforços musculares, hoje revolve a terra sentado mais ou menos comodamente junto ao volante do trator mecânico e transporta o seu produto a grandes distâncias, sem esforço, acrescidas as condições de conforto e bem estar pela defesa contra o sol, a chuva e o frio, arrastado, pelas contingências da vida vertiginosa dos nossos dias, à aproximação inconveniente mas inevitável dessa maneira de viver nas cidades, num injustificável afastamento da Natureza, cujas conseqüências bem podem ser estimadas por estas ponderosas observações de ALEXIS CARREL:

“O homem mal protegido por um vestuário insuficiente, e que conserva a sua temperatura interna graças a um exercício violento, faz funcionar ativamente todos os seus sistemas orgânicos. Pelo contrário, aquele que se defende do frio com peles e roupas impermeáveis ao vento, pelo aparelho de aquecimento dum carro bem fechado, ou fechando-se num quarto em que a temperatura é artificialmente regulada, deixa êsses sistemas inativos. Há muitas pessoas cuja pele nunca é fustigada pelo vento, que nunca teem ocasião de se defender da chuva, da humidade da roupa molhada, nem do ardor do sol durante horas e horas de fadiga. Nessas pessoas os mecanismos reguladores da temperatura do sangue e dos humores nunca trabalham: carecem dum exercício que talvez seja indispensável ao seu completo desenvolvimento e ao do indivíduo. E' preciso fazer notar que as funções adaptativas não teem por *abstractum* um sistema especial que possamos dispensar, quando não nos é necessário, mas que são a expressão de todo o nosso corpo”.

Em resumo: os fisiologistas de todas as épocas são acordes em afirmar a necessidade de o homem utilizar diariamente suas capacidades físicas em aplicações naturais ou em exercícios gímnicos, para poder, se não conservá-las, ao menos retardar um pouco a marcha do processo de atrofiamento.

De outro lado, a perseguição constante do rendimento máximo do trabalho em todos os setores de atividades, sejam estas industriais, comerciais, de administração privada ou pública, erigiu a *especialização* em fator principal, senão único, de êxito, na campanha cada vez mais crescente pela produção de utilidades.

E nada de perder tempo em experiências demoradas. A seleção prévia, para admissão ao serviço, se impõe, e é feita por processos cada vez mais rápidos e seguros, que revelem as aptidões particulares de cada indivíduo e indiquem, no caso de ser aproveitável, qual o trabalho em que sua aplicação será mais rendosa. O direito de escolha em nada influe no veredicto traçado pelos aparelhos de psico-técnica nem no resultado dos exames de suficiência ou provas de seleção.

Dêsse modo é o homem condenado, geralmente sem se defender, mas, ao contrário, cheio de satisfação, a pas-

sar oito horas de pé ao lado de uma máquina, atento ao seu funcionamento, quase sempre obtido por transmissão, à sua alimentação, em geral realizada automaticamente e com as menores probabilidades de interrupção, por isso mesmo quase nunca tendo oportunidade de uma intervenção manual sequer; assim também pode ser forçado a passar o mesmo espaço de tempo, em postura incômoda, a repetir de minuto em minuto o mesmo movimento de braço, ou sentado em uma cadeira, anatomicamente defeituosa, tendo a impressionar-lhe o cérebro sempre o mesmo assunto.

BARROS BARRETO, examinando as causas de fadiga inerentes ao trabalho, assim se expressa:

“Uma das características do trabalho industrial moderno é a de ter originado novas condições para a fadiga, ao mesmo tempo que restringia outras já existentes. Realmente, se a duração do trabalho se faz menor, como o novo regime diário e semanal para êle instituído, e se por um lado houve sensível redução do esforço muscular requerido para a sua execução, não é menos verdade que, com a introdução cada vez maior de maquinismos, vieram à baila novas condições que, com o inconveniente de um regime sedentário, acarretam a fadiga tanto quanto as outras condições que foram removidas. Assim a velocidade, o ritmo e o ruído das máquinas, o automatismo e a monotonia de muitas operações, as posições fixas, forçadas e contrafeitas, os movimentos arrítmicos ou inúteis”.

E, depois de uma série de considerações objetivas, continua:

“Quando não é a atenção intensamente solicitada pelo trabalho assim realizado, êle traz o automatismo dos movimentos, para a execução das mesmas operações simples, que de regra se repetem até milhares de vezes ao dia.

Decorre destas condições de trabalho a monotonia das operações, a solicitar repetidamente os centros nervosos, a distrair, a tornar êsse trabalho pouco atraente, a acarretar, em suma, uma baixa de eficiência (WYATT, FRASER e STOCK).

MC DOWALL estatuiu, estudando o assunto fisiologicamente, que quando o estímulo ou o esforço assim se fazem monótonos, escasseiam as reações vasculares e, como conseqüência, os produtos ponogênicos se acumulam e a fadiga sobrevem.

A seu turno, as posições fixas em frente às máquinas, trazem também o inconveniente, entre outros, de proporcionarem a ocorrência da fadiga. Similarmente, tem, além de outros malefícios, a mesma conseqüência, movimentos e posições forçadas e contrafeitas, trazidas quer pelos assentos inadequados, quer pela má colocação, em relação aos operários, da matéria prima, das partes acionáveis das máquinas e dos utensílios de trabalho”.

E os servidores do Estado também pagam seu tributo pelas infrações à “lei do esforço”, de que nos fala CARREL.

Num ligeiro golpe de vista, podemos observar que a organização administrativa dos serviços públicos não tem fica-

do estacionária, mas, ao contrário, vem acompanhando, até com vantagem em alguns pontos, como nos processos de seleção e de aperfeiçoamento, por exemplo, a evolução que sofrem as suas congêneres de ordem particular ou privada. Não está muito distante a época em que uma ou duas categorias de funcionários bastariam para prover êsses serviços e em que todos êles se enfeixavam na direção de uma secretaria geral, em cada Estado. De algum tempo para cá, entretanto, os encargos dos governos multiplicaram-se e sua máquina administrativa tornou-se cada vez mais complexa, no empenho de seguir o ritmo de progresso que impulsiona o trabalho em todos os setores, de tal maneira que, a criação de novos Ministérios se tem imposto, formando-se para os mesmos, um verdadeiro exército de funcionários das mais variadas categorias (trabalhadores braçais, artífices, operários, capatazes, mecânicos, condutores de veículos e de embarcações, eletricitistas, serventes, escriturários, datilógrafos, contabilistas, advogados, médicos, engenheiros, etc., subordinado, no nosso caso, a um Departamento da Presidência da República (espécie de estado-maior) que, por intermédio de órgãos especializados, as Divisões, e com a colaboração dos Departamentos similares dos Ministérios, regula todas as operações indispensáveis ao maior rendimento de seu emprêgo.

Do ponto de vista que interessa ao nosso estudo, como base para elaboração de um programa geral de aperfeiçoamento físico, essa legião de funcionários comporta uma primeira repartição em duas grandes classes:

- 1.^a — a dos que são obrigados a trabalho muscular;
- 2.^a — a dos burocratas.

A primeira delas comporta subdivisões correspondentes à variação de intensidade do esforço que se exige de cada indivíduo; a segunda tem uma só característica apreciável — obrigação de trabalho mental; ambas exigem as mesmas atenções e os mesmos cuidados.

De qualquer modo, porém, êsse programa deverá visar ao aperfeiçoamento individual de cada funcionário, ao mesmo tempo que precisa alcançar todos em suas malhas.

Sobre as diretrizes que sua confecção comporta, muito nos poderá sugerir um estudo já feito pela Divisão de Educação Física, no qual se encontram estas recomendações:

“As atividades físicas daqueles que exercem uma profissão que exige por grande espaço de tempo a manutenção de uma única atitude, ou a repetição de movimentos em que tomam parte alguns segmentos do corpo, devem ser orientadas no sentido de dar ao organismo uma compensação, de modo tal que as sinergias solicitadas durante o trabalho possam obter para os seus músculos um relaxamento conveniente e outras, cuja solicitação foi quase nula, sejam convenientemente exercitadas de maneira a evitar a atrofia dos seus elementos componentes.

E' preciso também emprestar aos exercícios físicos uma forma atraente, para tornar a sua execução agradável e nunca revesti-los com as características de um castigo. Por êsse motivo, os grandes jogos e os desportos, quer individuais quer coletivos, já terrestres, já aquáticos, não poderão ser esquecidos entre as atividades destinadas aos profissionais.

A aptidão física e a capacidade física daqueles que vão ser submetidos ao regime deverão, da mesma forma, merecer especial atenção, bem compreendida a diferença fundamental que existe entre aptidão e capacidade. E' preciso atender mais, nos casos de diversidade de sexo, às características de cada um, o que motivará o emprêgo de exercícios diversos, pois, uma vez variando os fins, os meios, forçosamente, terão de ser diferentes.

Assim, a elaboração de um programa exige, antes de tudo, que se determine a finalidade a ser atingida; em seguida, serão indicados os meios com que se tornará possível alcançar os objetivos colimados e, dentre êles, os passíveis de serem postos em prática dentro dos recursos de que se dispõe.

No caso da adaptação dos exercícios à atividade profissional, o que se faz necessário em primeira mão não é grupar os indivíduos segundo o seu valor morfo-fisiológico ou conforme a identidade de profissão, mas, e sobretudo, de acôrdo com a forma de trabalho.

Dois indivíduos que exercem a mesma profissão, escriturários, por exemplo, poderão ficar sujeitos a regimes diferentes, se um trabalha sentado e outro em pé; reciprocamente, dois outros de profissões diversas poderão ser submetidos ao mesmo regime se ambos trabalham em posição semelhante.

Se uma determinada profissão nos é indicada para que se proceda à organização de um plano de exercícios físicos a ela adaptados, devem ser conhecidos os seguintes dados, partindo do geral para o especial:

- 1) postura em que o indivíduo permanece a maior parte do tempo;
- 2) males decorrentes da posição forçada em que o indivíduo trabalha;
- 3) sexo;
- 4) idade;
- 5) estado de saúde, aptidão física e capacidade física.

De posse dessas informações, far-se-á indicação dos meios a empregar, os quais poderão ser grupados do seguinte modo:

- 1) exercícios analíticos, tendo em vista compensar o esforço exigido de certas sinergias, proporcionando-lhes um relaxamento conveniente, e dar trabalho às sinergias pouco solicitadas, possibilitando-lhes atividades dosadas;
- 2) exercícios sintéticos, de efeito geral sobre o organismo com objetivo de estabelecer o revigoração geral e o equilíbrio entre todos os órgãos;
- 3) grandes jogos e desportos, de acôrdo com a aptidão física de cada um, tendo em mira proporcionar aos indivíduos formas de trabalho atraentes, às quais sejam levadas por suas próprias tendências;
- 4) excursões, programas recreativos, reuniões dansantes, etc. com o objetivo de recrear o espírito dos indivíduos cuja atenção se concentra por largo espaço de tempo em determinado assunto ou trabalho;

5) exercícios sensoriais e práticos, com o objetivo de treinar faculdades e permitir a aquisição de resistência à fadiga.

Todas essas atividades deverão ser auxiliadas por práticas higiênicas e manobras fisioterápicas para remediar vícios e desvios da normalidade inerentes ao desempenho de cada profissão".

Entre os meios a empregar, figuram, com destacada importância, como vistes, os desportos de toda natureza, pela forma atraente que apresentam.

Neste caso, entretanto, êles devem ser utilizados com muita propriedade, sob pena de se tornarem nocivos ao invés de úteis.

Toda idéia de competição deve ser banida, para dominar apenas a de recreação. E' condenável a formação de equipes selecionadas para disputas espetaculares, que irão agravar o desequilíbrio provocado pelo trabalho profissional, e dar ensêjo à exploração dos mais aptos, desvirtuando as finalidades da assistência que se pretende dedicar a todos. Um tal procedimento concorreria para que, dentro de pouco tempo, todo o trabalho de aperfeiçoamento físico do funcionário chegasse a resumir-se na mesma cena tão nossa conhecida: 22 jogadores apenas degladiando-se no gramado e uma enorme multidão à sua volta, a gritar enervada pelos lances impressionantes do jôgo, sem qualquer proveito, no verdadeiro sentido, para uns e outros. Os demais meios são todos recomendáveis, de acôrdo com os fins alí previstos, motivo bastante para que eu não me detenha em apreciá-los particularmente.

Todas as formas de trabalho utilizadas em ginástica, de um modo geral, são aproveitáveis, inclusive a ginástica pelo rádio que, apesar de não ter conseguido impor-se nos programas de educação física, sendo bem orientada, poderá, no caso presente, prestar serviços relevantíssimos.

Resta-nos, agora, agitar as idéias em tórno da execução do programa. A lei é sábia, genuinamente democrática, como o temperamento de nossa gente: "O Governo Nacional promoverá o aperfeiçoamento físico dos funcionários..."

De nada serviria a imposição de obrigatoriedade, que não poderia ser cumprida e que as leis, excetuadas as fazendárias, jamais poderiam conseguir quando suas exigências não representarem costumes inveterados nas massas populares.

Mas, mesmo assim sob essa forma democrática, tenho a impressão de que um programa organizado nos moldes referidos atrás, não pode, desde logo, ser cumprido integralmente. Seu plano de realização deve comportar, pelo menos duas fases distintas:

1.^a — *preparatória*, provavelmente longa, durante a qual, por meio de conferências, publicações adequadas, pelo rádio, etc., se fará uma propaganda judiciosa dos exercícios físicos e de suas vantagens como meio de restabelecer o equilíbrio orgânico provocado pelo trabalho especializado. Nesta fase cabe muito bem o ensaio das sessões de "ginástica pelo rádio", dirigidas por pessoal devidamente habilitado, sem o que fracassarão.

Esse período de adaptação, como também pode ser chamado, tenderá a diminuir, à proporção que a educação física for alcançando realmente as populações escolares e

ainda mais se se introduzirem na escola todas as oportunidades de educação geral, defendidas pelo Professor LOURENÇO FILHO, entre as quais maior influência teriam no nosso caso a *educação para a saúde e a educação para a recreação*;

2.^a — *de execução integral do programa*, por meio de sessões diárias não somente pelo rádio, mas, simultaneamente, de todas as formas admissíveis, realizadas ao ar livre e em campos desportivos de que se disponha, organizadas dentro das boas normas a que devem obedecer, quanto às finalidades e às condições inerentes a cada indivíduo.

Para êsse fim há necessidade de contar com pessoal tecnicamente idôneo, instalações amplas e material abundante. A fundação do "Clube dos Funcionários Públicos Cívís da União", com filiais em todos os Estados, sob o alto patrocínio do Governo Nacional, corresponderia à satisfação do item V do art. 219 do Estatuto e viria facilitar, em grande parte, a tarefa confiada à Divisão de Aperfeiçoamento do D.A.S.P.

A melhoria das condições físicas do servidor do Estado é, sem dúvida, um problema de assistência social, mas também, e mesmo antes, um problema de economia. Tudo quanto o Governo despende para resolvê-lo será fartamente compensado, porque reverterá em proveito do serviço público, com o acréscimo do seu rendimento, em consequência do aumento de capacidade de trabalho assim conseguido".

Como primeiro debatedor, falou o Sr. Arí de Castro Fernandes, chefe da Secção de Assistência e Previdência, da D.E. do D.A.S.P., que disse:

"O papel do "debatedor" não é necessariamente o de advogado do diabo, sempre a favor do contra. Pode, antes, tentar trazer a sua contribuição. E' o que me permito fazer, com a aquiescência do ilustre conferencista.

A minha contribuição pessoal ao assunto não será tão convincente quanto a contribuição, *em pessoa*, de Marcos de Mendonça, ainda hoje "aerodinâmico", como nos tempos em que defendia o "goal" do nosso Clube. Deverei antes exigir do auditório um grande esforço de imaginação para crer que, em tempos idos e saudosos, eu era um ágil jogador de "basket-ball". Marcos é um testemunho vivo do esporte bem orientado. Eu também guardo alguns remanescentes positivos, mas represento antes o aspecto negativo, consequência de três acidentes graves, ocorridos quando a educação física era mal conduzida, com lamentável empirismo. Assim, pois, endosso as palavras do major Barbosa Leite.

Desejo tão somente salientar mais um aspecto da significação do aperfeiçoamento físico do homem moderno, aspecto êsse que o ilustre conferencista deixou um pouco esquecido. E' o aspecto social. Esclareço: — é a influência que o aperfeiçoamento físico, os jogos, os esportes, exercem no comportamento social do homem moderno.

Tais atividades ocupam um lugar preponderante altamente significativo, no capítulo da recreação. Esta é objeto da atenção constante de sociólogos e assistentes sociais. Sabido é que a recreação condiciona o comportamento humano, oscilando entre o negativo e o positivo,

entre a ruína física e a saúde, entre a estreiteza intelectual e a cultura.

Quando, em 1939, estive nos Estados Unidos, interessado pelos problemas sociais, lá fui encontrar os resultados recentes de um inquérito interessante, procedido pelo *Chicago Recreational Committee*. Em síntese acusava o seguinte:

1. Interêsse crescente pela participação ativa em jogos e esportes.
2. Desenvolvimento da vida ao ar livre e atividades de férias.
3. Grande voga das viagens de turismo, particularmente de automóvel.
4. Acentuado interêsse pelos jogos e esportes de competição.
5. Procura de diversões que provoquem emoções e excitações.
6. Popularidade das formas de recreação que promovem relações sociais entre pessoas de ambos os sexos.
7. Desenvolvimento de organizações que facilitem atividades recreativas.
8. Expansão do campo das diversões comercializadas.
9. Aceitação das responsabilidades diretas do Governo em promover facilidades para recreação do público.

Como se vê, o quadro apresenta tintas claras e escuras.

Embora a recreação desinteressada não houvesse diminuído, a comercializada crescia impressionantemente, deixando os americanos um pouco alarmados, sobretudo porque, de modo evidente, êsse último tipo não conseguiu satisfazer os interêsses sociais legítimos de certos grupos ou indivíduos, e porque criava novos problemas de contróle social. Por exemplo, o esporte profissional atraindo estudantes de escolas superiores. Há poucas semanas tivemos, nos cinemas do Rio, a história de Lou Gehrig, profissional de "baseball", que abandonou o seu curso de engenharia na *Columbia University*.

Ainda mais — a canalização de grande parte da economia nacional para o comércio de diversões.

Aquí estão algumas cifras, evidenciando a importância da questão.

Cinema, dansa, esporte profissionalizado, rádio, etc., em ordem decrescente, absorvem cinco bilhões de dólares anuais, ou seja metade do que se gasta em diversões. Em Chicago isso representa uma inversão de 700 milhões e despesas anuais de 250 milhões. Bom negócio, portanto.

Em 1935, havia nos Estados Unidos 38.000 estabelecimentos de diversões, dos quais 18.000 eram cinemas, êstes com capacidade para 10.500.000 espectadores. Para cada dólar gasto em teatros, despendiam-se 25 em cinemas. Êstes consumiam 75 % da receita geral; bilhares e boliches 6 %; "baseball" e "football", 4 %; as outras diversões, daí para menos.

Notem-se estas cifras interessantes: em 1939 a média semanal de rádio-ouvintes era de 30 milhões de pessoas, e a de espectadores de cinema, 85 milhões.

Em 1925, a assistência aos esportes profissionais era de 50 milhões, e 10 anos depois de 250 milhões, isto é, 5 vezes maior. Certamente deveria ser um negócio rendoso, em franco progresso.

O "poker" devora um bilhão de dólares; as corridas de cavalos, dois bilhões. E em Chicago havia 350.000 "bets" diários.

Ao lado disso, um povo eminentemente associativo, como o americano, organizava clubes para todos os fins, tipos, raças, idades, sexos, religiões. As universidades estavam cheias de "fraternities" e "sororities".

Alguns clubes tomaram grande destaque: a "Legião Americana", as "Filhas da Revolução Americana", a "Liga das Mulheres Eleitorais", as "Associações Cristãs de Moços", e de "Moças", o "Rotary Club", o "Elks Club", os "Boy Scouts", as "Camp Fire Girls", etc. Em média, um para cada 80 pessoas.

Os americanos compreenderam bem que a recreação estava se tornando cada vez mais especializada, e cada vez mais afastada do lar. As grandes concentrações urbanas, o trabalho mecanizado e febril, os desajustamentos pessoais e sociais, mostravam a importância da recreação. Esta é como o açúcar — uma substância que torna amargo o café "em não se lhe pondo".

Iniciou-se então uma campanha notável — a do "play movement". Os resultados começaram a aparecer em 1937. Perdoem-me a monotonia das estatísticas, mas elas falam por si.

Frequência de 144 milhões de pessoas, a 20 tipos diferentes de recreação, oferecidos por 1.280 municipalidades, que gastaram 48 milhões de dólares em 18 mil áreas ou campos de jogos.

De 1910 a 1937 o número de edifícios municipais para recreação e jogos cresceu de 150 para 1.350, e o de monitores de jogos e esportes, de 3.500 para 40.500.

Êstes aumentos percentuais, em 10 anos, são muito significativos:

campos de "base-ball"	93 %
campos de "golf"	97 %
instalações em praias de banhos.....	121 %
teatros ao ar livre.....	275 %
piscinas	450 %

Depois disso, as percentagens tem crescido constantemente, atingindo cifras magníficas, sobretudo quanto à relação de quilômetro quadrado disponível por pessoa em parques municipais e campos de esportes.

O Governo Federal tem tido grande atuação, colaborando com os Estados e Municípios, mediante orientação técnica e auxílio financeiro, em construção de parques, "playgrounds", praças de esportes, edifícios para atividades recreativas diversas.

Só a "Works Progress Administration" construiu, nestes últimos quatro anos, nada menos que cinco mil "playgrounds" e campos atléticos e 6.500 edifícios.

Tudo isso, que vem em abono das palavras do ilustre diretor da Divisão de Educação Física, é extensível, nos Estados Unidos, aos servidores públicos. Testemunhei ati-

vidades dêsse gênero nos Departamentos de Agricultura e de Trabalho. A tarefa é perfeitamente exequível.

A minha convicção, quanto à importância do tema aqui versado, é tanta que vou além do major Barbosa Leite.

Conta-se que, 600 anos antes de Cristo, um imperador chinês, da dinastia Tang, não sabia como resolver o caso de quatro excelentes candidatos a um alto cargo público. Não havia Serviço de Biometria Médica, mas havia o tão favorito jôgo de polo. E êle nomeou o vencedor.

Como meio de seleção não me parece que o polo seja bem indicado. Metade da eficiência corre por conta do cavalo.

Pois bem; em certos concursos, nós estamos adotando, com sucesso razoável, um tipo de prova, de pugilato intelectual, a que se denomina *defesa de tese*.

Além dessa prova, seria admissível uma outra, sobretudo em casos de empate, consistindo em uma pequena partida... de "box".

Esta sugestão, gostosamente oferecida à nossa Divisão de Seleção, não tem outro caráter senão o de cooperação esportiva, feita no mais modesto anonimato..."

Seguiu-se com a palavra o Sr. Marcos Carneiro de Mendonça, industrial e "sportman", cujos comentários foram os seguintes:

"Honrado com o convite que me foi feito pelo eminente diretor de Divisão do Departamento Administrativo do Serviço Público, Dr. Mario de Brito, meu velho e querido amigo, para debater a bela conferência que acabamos de ouvir, sinto não ter podido dispor do tempo necessário para, por meio de um mais cuidado estudo da matéria, suprir as fracas possibilidades do debatedor recolhido.

Não é de hoje o meu agrado em ouvir o major Barbosa Leite em assuntos desta natureza. A meu convite, mesmo, teve êle oportunidade de, anos atrás, fazer útil e substancial conferência no "Rotary Club" do Rio de Janeiro.

Não quero, entretanto, que paire a menor dúvida sôbre as tendências do debatedor que vos fala. Como objeto de estudo, o assunto *educação física* jamais me interessará. Não é do meu natural.

Sob vários aspectos, posso, pessoalmente, servir de exemplo para os que quiserem se dispor a lutar pela vida, contra os males próprios da natureza humana. Repetindo o que já é conhecido, que fui ser "goal-keeper" por prescrição médica, tão fraco eu era, penso ter assegurado a abertura do caminho para dizer ao nosso brilhante conferencista que considero quase indispensável ao êxito pessoal dos indivíduos que devem praticar qualquer modalidade de exercício físico, a existência de um centro de interesse real, em tórno do qual terão justificativa as suas cuidadas e repetidas sessões, conjuntas ou pessoais, de preparação física.

Discordo, assim, fundamentalmente, daqueles que condenam as competições esportivas.

A nossa tendência natural é para a luta, para a competição.

Quando meninos, nos jogos de "barra", o nosso prazer estava em enganar os adversários e entrar em "barra", ou raptar um *prisioneiro*.

Nos jogos de "gude", onde o nosso prazer? *Matar* a bola do adversário.

Guardo as melhores recordações das interessantíssimas partidas de bilboquê e de diabolô, que, em competição, travávamos quando meninos.

Sem um centro de interesse real, não acredito na continuidade dos utilísimos e indispensáveis exercícios físicos diários. O exercício, pelo exercício em si, acho muito difícil.

Em geral, os seus adeptos se transformam em derrotistas: Deus me livre! Que coisa pau fazer diariamente a mesma coisa...

Falta-lhes o estímulo, falta-lhes o ambiente, falta-lhes o interesse, que considero existir somente nos exercícios em competição.

Evidentemente, nem todos se poderão tornar ases, mas, a meu ver, todos devem procurar, desde logo, uma espécie de exercício onde a sua preparação física diária pessoal, encontre um meio de se expandir com tendência para o aprimoramento e a exibição. Não digo exibicionismo. Refiro-me tão somente aos prélios, de qualquer natureza, disputados perante um público restrito ou numeroso.

Há uma referência de S.S. às cenas muito conhecidas "de 22 jogadores apenas degladiando-se no gramado e uma enorme multidão à sua volta, a gritar enervada pelos lances impressionantes do jogo, sem proveito, no verdadeiro sentido, para uns e outros".

Trata-se, evidentemente, das partidas de "foot-ball association".

Lamento ter de dizer que considero inteiramente impossível negar ao "foot-ball" o imenso benefício introduzido no ânimo e na tendência de nossas populações, já não direi das capitais, mas por certo, das do interior. O cinema e o "foot-ball" foram e continuam a ser, a par do rádio, os maiores fatores de civilização dos nossos patrícios do interior. Todas as primeiras noções de higiene pessoal, com tendência para o aprimoramento de suas qualidades de beleza física, compostura pessoal, intercâmbio social, etc., foram levadas ao nosso povo do interior pelo "foot-ball" e pelo cinema.

Não há fugir dessa verdade incontestável. Os excessos constituem razões e matéria à parte. E, quanto ao "foot-ball" praticado nas capitais, considero-o da mais alta relevância como espetáculo popular, não só sob o ponto de vista educativo, como sob o ponto de se ter o interesse das multidões, em momentos de grave crise, como o que atravessamos, voltado para essas lutas, onde encontram verdadeiro repouso para as suas preocupações gerais e particulares.

Coerente com o meu ponto de vista, tem o meu especial aplauso a idéia de se fundar um Club — esportivo — dos Funcionários Públicos Cívís da União.

E' idéia feliz e facilmente realizável.

O assunto tão sãbiamente abordado pelo nosso ilustre conferencista é palpitante e se presta a muitas outras considerações".

Encerrando os debates, falou o prof. Everardo Cruz, da Divisão de Educação Nacionalista, da P.D.F.:

"Seria apenas laudativo o meu comentário à brilhante conferência com que o senhor major Barbosa Leite acaba de se desempenhar da parte que lhe coube nesta sessão de estudo de questões de administração pública, e se o ilustre orador não tivesse desaconselhado a competição no esporte, como que recusando à mesma virtude de emulação, por sua grande influência e papel de destaque na obra da educação: OVIDIO DECROLY, o grande educador belga que maravilhou o mundo com os seus processos educacionais, reconhece e proclama o *interesse*, a mola essencial de progresso em qualquer empreendimento humano. Ora, conheceis estimulante mais enérgico para o interesse que a emulação? Onde encontrar maior emulação do que na competição? O médico-pedagogo, como o orador que vos vem de ocupar a atenção, é partidário da educação integral, que aproveita todas as aptidões do escolar — futuros cidadãos. Ora, essa educação completa, essa formação do futuro cidadão nas democracias, como a nossa, não deve prepará-lo para constantes competições?

Qual o processo por que são providos os cargos públicos, em sua maioria? Como é que, neles, o indivíduo ascende às posições culminantes? Ou eu me engano muito ou estamos na época das competições. A emulação tem, por isso, o sal da oportunidade e os desportos não podem dispensá-la: inata no homem, poderosa em todas as idades, é fator essencial do progresso em toda a sua polimorfia. O resultado educacional visado pelo indivíduo para o aperfeiçoamento do seu físico por meio de desportos, como o remo, a natação, o atletismo, o "basket-ball", depende de uma prática constante, durante, às vezes, anos e anos seguidos. Estará a nossa mocidade com tão alevantado moral que dispense qualquer idéia de competição? Não ousou acreditar nisso. Eu sei que, quando bem dirigida, uma competição é a emulação, e o incentivo do progresso. Na parte material, naturalmente, a competição deverá sempre merecer a atenção especial dos dirigentes, e já a organização do Conselho Nacional de Desportos impõe a fiscalização preponderante do médico, não permitindo o concurso de indivíduos imperfeitos, incapazes ou portadores de lesões.

Nas competições deverá sempre predominar a sublimação do sentimento social, e é positivamente nos campos de esporte que o indivíduo, quando bem dirigido, aprenderá, competindo, a refrear sentimentos, impulsos e emoções, muitas vezes em proveito da coletividade, e, quase sempre, a coordenar energias em favor do seu estado físico.

Como Robert Baden-Powell com o Escotismo, nós devemos visar com o apuro da educação física do povo brasileiro, "o alevantamento do valor individual para melhorar e aumentar o bem estar social".

Antes do encerramento da sessão, falou ainda o conferencista, não só para elucidar alguns pontos de seu trabalho, mas também para responder a algumas críticas de seus comentadores.